



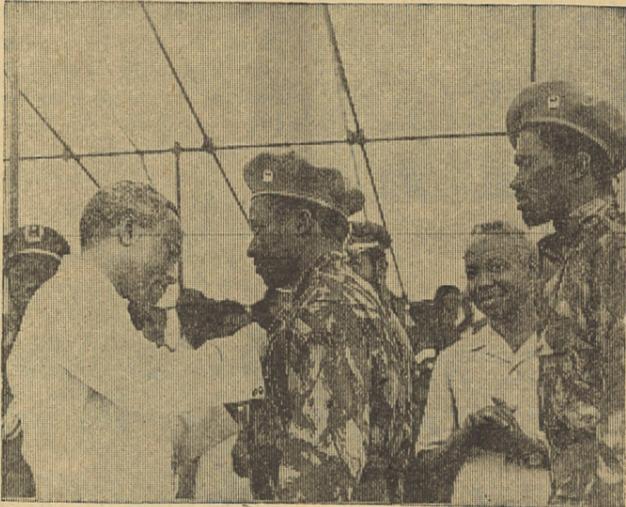
NÔ PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEF.: 3713/3726/3728

BISSAU



NYÉRERE: continuar a luta armada

Presidente Nyerere ao "Nô Pintcha" "CONTINUAR A LUTA ARMADA ATÉ ATINGIR OS OBJECTIVOS"

«O que temos que fazer em África é, necessariamente, continuar a luta armada», declarou ao «Nô Pintcha» o Presidente Julius Nyerere, da Tanzânia, em entrevista concedida em Bissau, no passado dia 25.

O dirigente tanzaniano referiu-se largamente à actual situação na África Austral, às recentes conversações mantidas pelo secretário de estado americano, Kissinger, e às perspectivas da luta de libertação nacional na Namíbia, em Zimbabwé e na África do Sul. Falou também da Tanzânia, anunciando que os dois partidos políticos do país, a TANU e o Afro-Shirazy, estão em vias de se unir, transformando-se numa só organização. «Embora tenhamos escolhido o socialismo como política a seguir, só seremos um país socialista quando tivermos conseguido uma sociedade em que haja igualdade», afirmou o Presidente Nyérene ao nosso jornal. (CENTRAIS)

Resposta da Africa aos imperialistas

Chefes de Estado da "linha da frente" rejeitam plano sobre Zimbabwé

Representantes do movimento de libertação do povo do Zimbabwé e os cinco Chefes de Estado da «linha da frente» — Angola, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Botswana — reunidos no domingo em Lusaka, rejeitaram o plano americano que prevê o acesso da maioria ao poder, na Rodésia, dentro de dois anos. Os nacionalistas zimbabwé e os dirigentes dos países africanos limítrofes dos estados racistas da África do Sul e Rodésia declararam que as propostas apresentadas pelo secretário de estado americano, Kissinger, com o apoio dos racistas Vorster e Smith, se destinam a legitimar as estruturas racistas e colonialistas do poder, em Salisbúria, Windhoek (Namíbia) e Pretória. Os participantes na reunião de Lusaka apelaram para a continuação da luta armada no Zimbabwé, até à libertação completa do país.

O Presidente Agostinho Neto, da República Popular de Angola, declarou em Lusaka, no domingo, que a reunião da capital zambiana constituiu «uma resposta da África às pretensões americanas». As decisões tomadas em Lusaka, salientou o Presidente Neto, «retiram aos americanos toda a pretensão de novas iniciativas sobre os problemas de Zimbabwé e da Namíbia».

Por seu turno, o Presidente Nyérene declarou a um canal de televisão americano que «a guerrilha em Zimbabwé não terminará senão após a subida ao poder de um governo da maioria negra. É muito tarde agora para falar de uma transferência de poder pacífica na África Austral». O Presidente Nyerere salientou que o seu país continuará a auxiliar os combatentes da liberdade de Zimbabwé.

A guerrilha contra o regime ilegal e racista de Ian Smith continuará até que todos os responsáveis do governo, das forças armadas e da polícia sejam presos por crimes de guerra, anunciou no domingo, em Londres, um porta-voz do «Exército de Libertação de Zimbabwé» (ZIPA), Chidawu Chirimuuta.

Por outro lado, a instalação quase imediata de um controle dos guerrilheiros em todo o território do Zimbabwé, foi pedida ontem por Robert Mugabe, um dos chefes nacionalistas do país. Avistou-se na véspera, em Lusaka, com Josua Nkomo, dirigente da ala interna da ANC.

Nkomo, que seguiu no princípio da semana para Salisbúria, declarou que não apoia o plano de Kissinger. Tem realizado reuniões com outros dirigentes do seu movimento. O bispo Abel Muzurewa, chefe da ala exterior da ANC, está também dentro do país, em Bulawaio, em conversações com os seus partidários. Não se pronunciou claramente a favor ou contra as propostas americanas.

(PÁGINA 8)

Guiné-Bissau na Assembleia Geral da ONU

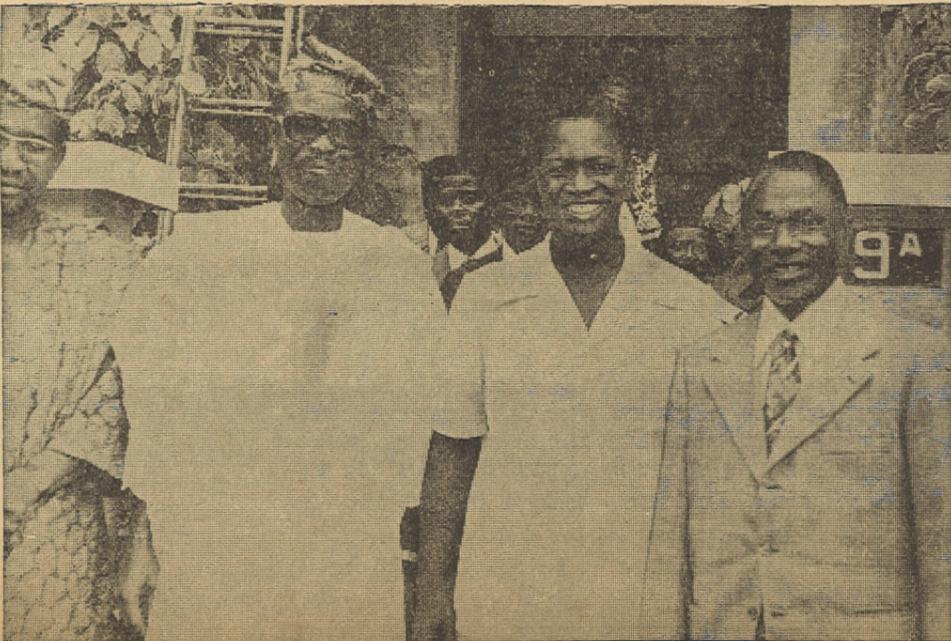
«A Guiné-Bissau luta pela admissão nas Nações Unidas de Angola e do Vietname», declarou ontem nossa reportagem o camarada Victor Saúde Maria, membro do CEL do Partido e Comissário dos Negócios Estrangeiros. Deixava Bissau a caminho de New York, onde vai participar à frente de uma delegação do país, na trigésima-segunda Assembleia Geral da ONU, que iniciou os trabalhos há uma semana.

Referindo-se à extensa agenda de trabalhos, Victor Saúde Maria salientou a questão da África Austral como sendo um dos principais pontos a debater pelos representantes dos povos de todo o mundo, perante a sua reunião de três meses. (PÁGINA 5)

Muçulmanos festejam fim do Ramadão

O Presidente Luiz Cabral recebeu no domingo representantes da comunidade muçulmana, que festejaram nesse dia a festa do Iftar, o fim do Ramadão, período anual de 30 dias em que os crentes de todo o mundo islâmico jejuam.

Em Bissau, as tradicionais cerimónias religiosas tiveram lugar, este ano, junto do Palácio da República, tendo a elas assistido dirigentes do Partido e do Estado. (PÁGINA 2)



Luiz Cabral convidado para a cimeira da C.E.D.E.A.O.

* Delegação Ministerial do Togo e da Nigéria visitou o nosso país

Uma delegação composta por responsáveis do Governo da Nigéria e do Togo esteve em Bissau. O seu objectivo era convidar o Presidente Luiz Cabral para comparecer à Cimeira dos Chefes de Estado dos países membros da CEDEAO — Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental — que será realizada em Lomé, entre os dias 4 e 6 de Novem-

bro. Essa conferência será preparada antecipadamente, também na capital do Togo, a partir de 29 de Outubro, num encontro ministerial dos mesmos países, para definir a ordem de trabalhos.

Os representantes nigerianos e togoleses foram recebidos sábado por Francisco Mendes, Comissário Principal e por outros dirigentes do

Partido e do Estado da Guiné-Bissau. As delegações estrangeiras eram chefiadas por Ajosé Agoun, Ministro dos Assuntos Especiais da Nigéria e Mivedor Ayté Tchim, Ministro das Obras Públicas e Minas de Togo.

Na foto ao lado, a delegação ministerial nigeriana-togolesa com o camarada Comissário Principal.

**Restaurantes:
Condições de higiene**

«Com o título *Onze restaurantes de Bissau sem Condições de Higiene Necessárias*, o jornal publicou na página seis, do dia 2 de Setembro, uma notícia em que se dava a conhecer o trabalho desenvolvido por uma equipa de fiscalização do Serviço de Higiene aos bares e restaurantes de Bissau, constituída por camaradas guineenses e um cooperante cubano.

Essa notícia insere, em primeiro lugar, o hotel Pidjiguiti, o que se considera extremamente incorrecto, pelo que solicitamos ao camarada director a publicação desta carta a fim de repôr a verdade dos factos.

Temos conhecimento de uma única inspecção ao hotel Pidjiguiti efectuada há três meses, sem que nessa altura estivesse qualquer camarada cubano. Nessa fiscalização apontaram-nos duas únicas deficiências: a necessidade de colocarmos uma rede na cozinha e de efectuarmos uma pintura na mesma. Imediatamente (possuímos cópias comprovativas) pedimos à Cooperativa do Estado que efectuasse esses trabalhos, tendo sido, só efectuada a colocação da rede. Como nunca mais pintavam a cozinha pedimos à firma Ancar que nos fizesse esse trabalho, o que também não conseguimos.

Estes os factos que constituem a verdade em relação à pretensa falta de higiene em que nos incluíram. Mas julgamos importante expôr ainda mais alguns factos que melhor esclarecerão este assunto. Concordamos absolutamente (não as tememos, pelo contrário estimulamos) com as fiscalizações às condições de higiene dos bares e restaurantes. Mas, não só por altura de quaisquer festividades como também durante todo o ano, porque não só os estrangeiros que nos possam visitar esporadicamente que merecem o nosso melhor, mas sim todo o nosso povo.

Por essa razão anualmente (em geral em Fevereiro) no hotel Pidjiguiti efectuamos a pintura e reparação do bar e do restaurante. Trabalham no serviço do hotel 20 pessoas. Cada secção tem um responsável que possui instruções precisas para fiscalizar as condições de higiene e de eficiências no serviço, trabalho esse que normalmente é efectuado pela gerente ou então não se faz. Como este número de trabalhadores é pouco, se pintamos agora a nossa cozinha, só o conseguimos porque alguns cooperantes se solidarizaram connosco e efectuaram eles mesmo esse trabalho.

Julgamos por isso importante que se desenvolva uma grande campanha nacional de mobilização dos nossos trabalhadores, pela UNTG, a fim de todos, mas todos sem excepção, se integrem na grande tarefa de reconstrução nacional».

MARIA PAULA CABRAL

Nota da Redacção: As informações contidas na reportagem publicada no dia 2 de Setembro foram colhidas junto ao Serviço de Higiene e Combate às Grandes Endemias, encarregado da fiscalização Sanitária de bares e restaurantes.

Trânsito em Bissau: 79 acidentes e 22 mortos em sete meses deste ano



A média de acidentes aumenta em Bissau. No ano passado, 9,8 por mês. Este ano até agora, 11,3.

Nos sete primeiros meses deste ano já ocorreram 79 acidentes de trânsito em Bissau. Morreram 22 pessoas, 89 ficaram feridas. Destas, 68 tiveram ferimentos leves, 21 ficaram em estado grave. Sessenta desses acidentes foram com veículos civis, 10 com carros militares. Oito envolveram carros civis e mi-

litares e um foi entre automóvel e velocípede.

No ano passado, nos 12 meses, houve 118 acidentes, com 31 mortos e 125 feridos — 51 leves, 74 graves. Cerca de um quarto dos acidentes registados na capital, em 1975, envolveram carros militares. Dez foram apenas com veículos militares, 21 entre estes e car-

ros civis. Nove acidentes envolveram automóveis e velocípedes, três apenas velocípedes, 75 foram com carros civis.

De acordo com as estatísticas, de janeiro a julho deste ano ocorreram uma média de 11,3 acidentes por mês. Em 1975, a média mensal foi de 9,8. Se o índice dos sete primeiros me-

ses de 1976 se mantiver, até o final do ano Bissau terá um aumento de cerca de 15 por cento nos acidentes de trânsito, em relação ao ano passado.

O número total de acidentes, no entanto, é superior a esses divulgados. Segundo o responsável pela Viação e Trânsito, Manoel Soares, muitos casos não chegam ao conhecimento da polícia. As pessoas envolvidas entram em acordo e resolvem o problema sem informar os órgãos encarregados. Isso, quando o acidente resulta apenas em danos materiais. Quando há feridos, a polícia de trânsito interfere de qualquer maneira.

— Os inquéritos são feitos no gabinete de Viação e Trânsito, no Comissariado de Segurança Nacional e Ordem Pública. É feita uma descrição do acidente e os envolvidos são ouvidos. Depois é concluído o processo, que é enviado para a Justiça junto com os depoimentos. Tudo isso é feito em menos de 48 horas.

Muçulmanos em todo o país festejaram o fim do Ramadao

O presidente Luiz Cabral recebeu na tarde do domingo passado representantes da comunidade muçulmana da capital, em comemoração do fim do Ramadao. A festa do Id il Fitre foi assinalada em todo o país com feriado nacional, à semelhança do ano anterior e dentro dos princípios da Constituição, que declara o nosso Estado laico, sendo os cidadãos iguais perante a lei, qualquer que seja a sua origem ou religião.

Na capital do país, as cerimónias realizaram-se no recinto anexo ao Palácio da República e tiveram início às 9 h 30 m. Dirigida pelo chefe da igreja muçulmana, aladje

Infali Baio, a reza durou cerca de uma hora. Durante este tempo, os crentes, em número de centenas, entre homens, mulheres e crianças, reunidos à sombra de man-

gueiros, invocaram o perdão a Alá pelos pecados cometidos ao longo do ano.

O nosso Partido esteve representado na pessoa dos camaradas Bobo Keita, e Malam Gino Mané, ambos do CSL do PAIGC e, respectivamente, do Estado Maior das Forças Armadas Revolucionárias do Povo e director da Agência de Transportes «Silô Diata», e ainda dos camaradas

Arafam Mané, da casa civil de presidência, Cabi-ro Baldé, dos serviços de Logística, e aladje Sory Sow, deputado à Assembleia Nacional Popular.

O Ramadao é o período do ano em que os crentes se abstêm de qualquer tipo de comida e bebida, evitando mesmo engolir a saliva, desde as primeiras horas da manhã até ao fim da tarde.

RESPONDE O POVO

Campanhas de educação sanitária — 1

Sessenta por cento das crianças que nascem na Guiné-Bissau morrem antes dos cinco anos. Esta taxa de mortalidade infantil, herança do colonialismo, poderia ser reduzida drasticamente com a simples utilização de métodos comuns de higiene. Tendo isso em vista, o Governo está a desenvolver e incentivar uma série de campanhas sobre educação sanitária. São feitos cursos nos bairros, palestras, programas na rádio. O problema é saber até que ponto isso tudo tem dado resultado. Qual o nível de participação e aprendizagem das pessoas. Os próprios interessados falam nisso. Três moradores de Bissau opinam sobre as campanhas, dizem de que forma beneficiam delas e, objectivamente, em que aspectos mudaram seus hábitos e aumentaram os cuidados, principalmente com as crianças.

Marciano Djata, 30 «Nunca participei nos anos, condutor do Estádio Maior das FARP — cursos de educação sanitária. Mas ouço sempre

os programas sobre isso na rádio. Acho que devemos seguir os conselhos porque a nossa terra está um pouco atrasada. Uma vez ouvi o camarada Santi falar sobre a higiene das nossas casas. Falou da necessidade de limpeza perto delas, porque sem isso não temos saúde. Explicou coisas sobre a alimentação das crianças, vestuários. Eu faço aquilo que posso em relação às crianças e a limpeza das casas, tanto dentro como fora».

Eulálio Domingos Neto, 23 anos, funcionário da

Segurança: «Trabalho dia e noite e não posso participar em cursos. Mas tenho ouvido falar no programa da rádio sobre educação sanitária. Acho muito bom para os camaradas das zonas suburbanas que não sabem o que isso significa. No entanto, esse programa deveria ser também noutras línguas. Há pessoas, de alguns grupos étnicos, que não entendem crioulo e que precisariam ouvir e entender o que é dito na rádio. Em casa, ponho os meus irmãos a capinarem e a tapar os

buracos onde os porcos tomam banho. Sempre participo em trabalho voluntário com os vizinhos aos domingos.

Clausina Pereira Fernandes, 47 anos, funcionária da aeronáutica: «Ouço o programa da rádio sobre educação sanitária, nunca participei em cursos. De qualquer forma, há pessoas que não ligam o que lhes é dito. Mas talvez prestem atenção na rádio. Aquele programa que fala dos cuidados a ter com as crianças é muito bom».

Inácia Silá, 20 anos,

estudante: «Nunca frequentei os cursos de educação sanitária, embora reconheça a sua importância. Penso que contribuirão bastante para a melhoria de higiene e, consequentemente para uma diminuição de doenças, muitas delas causadas por essa falta de higiene. As nossas crianças terão muito a ganhar se os que se encarregam da sua educação frequentarem os cursos de educação sanitária ou ouvirem o programa na rádio, e puserem em prática aquilo que lhes foi ensinado».

SORTEIO DA LOTARIA

Os resultados da lotaria do XX Aniversário do Partido foram divulgados sábado, dia 25 de Setembro. No fim da manhã já haviam sido sorteados os números e a comissão organizadora convocava os vencedores. Os prémios poderão ser levantados a partir do dia 4 de Outubro, no Commissariado de Estado da Administração Interna, no departamento de Função Pública e Trabalho, na Rua n.º 10, prédio 39, em Bissau.

No concurso foram atribuídos 10 prémios, que variam entre 200 mil pesos, o máximo, e mil pesos, o mínimo. A relação dos sorteados e do valor dos prémios correspondentes é a seguinte: primeiro — 5136 — 200 mil pesos; segundo — 3102 — 100 mil pesos; terceiro — 2062 — 50 mil pesos; quarto — 6618 — 25 mil pesos; quinto — 67 — 10 mil pesos; sexto — 3163 — cinco mil pesos; sétimo — 1654 — quatro mil pesos; oitavo — 5382 — três mil pesos; nono — 5326 — dois mil pesos; décimo — 6338 — mil pesos.



Nino Vieira e José Araujo estiveram em Bafata

O Comissário das Forças Armadas, João Bernardo «Nino», visitou Cassacá, local onde foi realizado o Primeiro Congresso do PAIGC, e Bafatá, na última quinta-feira. Viajou acompanhado pelo camarada Manuel Saturnino, Comissário dos Antigos Combatentes, e pelos camaradas Comandante Calixto Garcia, do Comité Central do Partido Comunista de Cuba, Alfonso Morales, embaixa-

dor na Guiné-Bissau, Santiago Milton, funcionário do Comité Central do PCC. Em Bafatá, estiveram no local onde foi inaugurado o monumento a Amílcar Cabral e a casa onde nasceu o Primeiro Secretário-Geral do PAIGC.

No dia seguinte, sexta-feira, outro grupo de dirigentes do PAIGC, chefiado por José Araújo, Secretário para a Organização do Partido, chegou a Bafatá, onde reu-

niou-se com o camarada Braíma Camará, Presidente do Comité da Região e visitou os mesmos lugares que João Bernardo Vieira e os Camaradas visitantes. A delegação era composta pelos camaradas Mário Cabral, Comissário de Educação e Cultura, Mário Reis, Ministro de Educação de Cabo Verde e Filinto Barros, Secretário da Presidência. Depois de Bafatá, seguiram para Bumbadinca e Gabú.



Amílcar Cabral

Unidos em torno do ideal comum

«Nas zonas urbanas, onde a repressão é maior, os trabalhos do Estado e das empresas privadas foram suspensos. Centenas de operários foram despedidos sem justificação.

Muitas empresas, sobretudo no mato, abandonaram as suas actividades, quer sufocadas pelo monopólio da CUF (Companhia União Fabril), que é o verdadeiro dono da Guiné, quer levadas pelo medo das consequências da nossa luta de libertação face à repressão portuguesa.

A situação política é assim cada dia mais tensa. A Guiné vive hoje num verdadeiro estado de sítio, com os colonos armados e as populações autóctones sujeitas a frequentes provocações da parte dos militares e da polícia colonial.

Para fazer face à onda crescente da nossa luta de libertação, os colonialistas portugueses reforçam constantemente o exército, que conta hoje com cerca de nove mil homens, sendo o número de europeus na ordem dos três mil e quinhentos soldados e oficiais. Quase todas as semanas chegam barcos à Guiné para desembarcarem soldados e material de guerra.

Cerca de trezentos e cinquenta patriotas africanos estão presos nas masmorras da PIDE, na Guiné, e várias centenas de africanos estão deportados no campo de concentração na Ilha das Galinhas. Em Bissau afirma-se com frequência que os C.T.T. deixarão em breve de funcionar, pois grande parte dos empregados estão presos ou fugiram para os países vizinhos. Diz-se igualmente que o Banco Nacional Ultramarino deixará brevemente de funcionar devido à crise económica que não tem nem pode ter solução.

Nas Ilhas de Cabo Verde, onde a miséria raia os limites do desespero, sobretudo nas ilhas menos favorecidas pelo clima, mais de uma centena de jovens foram presos no Mindelo e na Praia e deportados para o campo de concentração do Tarrafal. Foram tomadas medidas de segurança repressivas contra alguns intelectuais que gozam de grande popularidade.

Como resultado concreto do trabalho revolucionário dos patriotas africanos, aumenta constantemente a consciência das massas populares, que se integram na luta de libertação e apenas exigem meios eficazes para liquidar as forças colonialistas.

Os povos da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde estão unidos em torno de um objectivo comum a todas as camadas sociais dos nossos países: o fim do domínio português. Apesar das tentativas de divisão do nosso povo, apesar das contradições que os colonialistas criaram e mantiveram entre os «civilizados» e os «indígenas», todos os africanos estão unidos em torno do ideal comum da liberdade nacional.

* Relatório geral sobre a luta de libertação nacional apresentado na Conferência das Organizações Nacionalistas da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde, realizada em Dakar de 12 a 14 de Julho de 1961.

Datas historicas de Setembro assinaladas no interior

O 20.º Aniversário do PAIGC foi comemorado em todo o País. A festa não foi apenas em Bissau. Tabancas e cidades do interior organizaram várias actividades para mobilizar a população durante as festas de Setembro. Em várias regiões do País foram convocados comícios pelos comités de Estado e de Sector e os moradores saíram à rua.

No dia da proclamação da independência, os presidentes dos comités discursaram. Lembraram o significado dessa data, a necessidade de intensificar a luta para a reconstrução nacional. Nesse dia, em Mansabá houve uma concentração durante a manhã, pelas 11 h e, em Farim, António Borges falou à população no início da tarde. Mesmo à noite, as festas continuaram.

Os grupos de dança e música do interior saíram para actuar. Dançaram em palcos improvisados, ao ar livre, durante algumas horas. As pessoas foram ver, sentadas em bancos de madeira, caixotes ou em qualquer outra coisa. Os grupos de teatro também apresentaram o trabalho preparado para as comemorações.

Em Cantchungo, isso também aconteceu. Mas no dia 19, a festa havia sido maior. Logo no início da manhã, os moradores de vários bairros do sector começaram a preparar-se para o desfile. Levavam faixas, bandeiras do Partido, inscrições com palavras de

ordem. Os trabalhadores da enfermagem local e os médicos cooperantes também participaram na manifestação. Fizeram demonstrações de diversas actividades relacionadas com a saúde.

Mais tarde, o presidente do Comité de Estado de Cantchungo, Gustavo Na Onta, falou publicamente. Recordou a história do Partido, os avanços obtidos em 20 anos de organização, a importância de fortalecer o PAIGC.

CUBA FESTEJOU XX ANIVERSÁRIO

Cuba comemorou o 20.º Aniversário da fundação do PAIGC com um comício de solidariedade com os

povos africanos no último dia 22. Armando Acosta, do Comité Central do Partido Comunista Cubano, um dos oradores, disse que os cubanos celebraram essa data como se fosse sua própria festa. E que o Partido Africano de Independência da Guiné e Cabo Verde «fundado por Amílcar Cabral, fez muito no decorrer desses 20 anos, em nome da vitória e da libertação dos povos africanos sob o jugo colonialista».

3.º Aniversario da Independência

Abilio Duarte sauda Nino Vieira

Por ocasião do terceiro aniversário da proclamação do nosso Estado, o camarada Abilio Duarte, membro do CEL e Presidente da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde, enviou a seguinte mensagem ao camarada João Bernardo Vieira (Nino), membro do Secretariado Permanente do CEL e Presidente da Assembleia Nacional Popular do nosso país:

«Na data memorável do terceiro aniversário da proclamação histórica da independência da República irmã da Guiné-Bissau pela Assembleia Nacional Popular, a 24 de Setembro de 1973, quero dirigir a ti e aos camaradas do governo,

e aos ilustres deputados da ANP, em meu nome e no dos deputados da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde, os nossos votos de continuação de vitórias sucessivas para a consolidação da independência nacional e construção do progresso e da felicidade para o nosso povo. Nesta grandiosa data quero reafirmar a nossa profunda determinação em realizar o sonho do nosso grande e saudoso camarada Amílcar Cabral, da Unidade Guiné-Cabo Verde».

Entre as mensagens recebidas, destacam-se as de José Eduardo Santos, minis-

tro das Relações Exteriores da República Popular de Angola; Nicolae Ceausescu, secretário-geral do Partido Comunista Romeno e Presidente da República Socialista da Roménia; do Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia; do Comité Central do Partido Operário Socialista Húngaro; do Partido Comunista Francês; da Konso-mol; do Comité Director da Acção para a Juventude do PAIGC, em Paris; do Comité de Apoio aos Movimentos de Libertação nos Estados Unidos e Canadá; e de Van Eslande, ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica.

Presidente Julius Nyerere ao "Nô Pintcha": "O que temos a fazer em África é continuar a luta armada até que os nossos objectivos sejam atingidos"

Segunda-feira, 20, de manhã, o Presidente Julius Nyerere tinha poucos minutos livres. Mesmo assim ainda participou numa conferência de Imprensa com jornalistas nacionais e estrangeiros, no salão de entrada do Palácio. O Chefe de Estado da Tanzânia começou a falar às 8 h, ao lado de Aristides Pereira e de Luiz Cabral. Meia hora depois, entrava no automóvel que o conduziu ao aeroporto. Já havia comentado o processo de reconstrução do seu país, a opção socialista do Governo, os factores que determinam, 12 anos após a independência, a existência de dois partidos políticos, um na parte continental do país, outro em Zanzibar.

«Realmente a Tanzânia não é um Estado socialista, porque um país não se transforma num país socialista pelo simples facto de escolher uma política socialista. Um país como o meu, que escolhe uma política socialista, parte de uma posição que não é socialista. O nosso país veio do colonialismo. Não há socialismo quando há exploração. Ainda não conseguimos acabar com a exploração no meu país. Não há socialismo onde há ainda desigualdade. Há ainda muita desigualdade no meu país, não apenas desigualdade de bens, mas desigualdade de possibilidades. Muitas pessoas são analfabetas, há outras que sabem ler. Só uma pequena minoria tem acesso à Universidade.

Portanto, embora tenhamos escolhido o socialismo como política a seguir e, por isso, tenhamos por objectivos a igualdade e a democracia, só seremos um país socialista quanto tivermos conseguido uma sociedade em que haja igualdade. Uma sociedade democrática. Por enquanto ainda não somos. Se nos quiserem chamar socialistas porque escolhemos uma política socialista, muito bem: seremos socialistas. Mas eu entendo que o socialismo é um processo para atingir num estágio em que possamos, realmente, ser chamados socialistas.

Se pretendem saber quais são os países do mundo que seguem uma política socialista, então, nesse caso, podem incluir nesse grupo a Tanzânia. Por esta razão podem dizer que somos um país socialista. Mas eu não me sentiria feliz se dissesse que o meu país é socialista só porque segue uma via socialista. Nem nos poderemos considerar uma democracia só porque estamos a seguir um processo democrático, uma política democrática. Não somos uma democracia porque ainda temos responsáveis que abusam da autoridade, que não se preocupam com os interesses das massas populares. Enquanto tivermos esses responsáveis quer

no Partido, quer no aparelho de Estado, enquanto não os afastarmos, não poderemos ser considerados um Estado democrático.

Somos apenas um povo vindo do tribalismo, habituado a ser governado por chefes, sujeito ao colonialismo, habituado a ser governado pelo imperialismo, ainda submisso, não se considerando igual a toda a gente. Temos que construir um espírito de igualdade, um espírito de não aceitação da tirania. Ainda não chegou o dia em que nos poderemos considerar socialistas, em que nos poderemos considerar democráticos. É todo um processo. E porque a construção da democracia e do socialismo é um processo contínuo, posso afirmar que o meu país não é ainda um país socialista, nem um país democrático.

De novo posso dizer que não sei como vós ireis fazer as coisas na Guiné e em Cabo Verde. Vós fizestes justamente a luta de libertação nacional, forjando a vossa unidade no próprio processo da luta contra os portugueses. Mas eu volto a dizer que a unidade se

atinge, também, através de todo um processo. Não podemos apenas proclamar que fizemos a unidade e que estamos, finalmente, unidos. Penso que mesmo num país como o Vietname, onde o povo lutou durante tanto tempo pela independência e pela unidade do seu país, ainda hoje se pensa que o fortalecimento da própria unidade é também todo um processo».

UNIDADE

«Actualmente o meu país é uma união de duas Repúblicas: a parte continental, ex-Tanganica e a parte insular, Zanzibar, que compreende as ilhas de Pemba e Unguja. Unimo-nos em 1964. Naturalmente temos dois partidos: o TANU no continente e o Afro-Shirazy, nas ilhas. Muito tempo decorreu já para se querer, neste momento, fundir os dois partidos num só. E, mais uma vez, é importante dar tempo ao tempo antes de podermos pensar em fundir os dois partidos. A unidade requer muita confiança quando há dois países que se querem unir.

Para mais, no nosso caso concreto, há ainda o facto

da parte continental da Tanzânia ser muito grande em comparação à parte insular — Zanzibar. A população da parte continental é de cerca de 15 milhões de habitantes, enquanto a da parte insular é só de meio milhão. O território do ex-Tanganica tem, portanto, 14 milhões e 500 mil habitantes mais do que o Zanzibar. Dois Estados soberanos com características tão diferentes exigem uma grande dose de confiança para a sua união. Em caso contrário, há sempre a tendência para pensar que o maior dominará o menor.

Por isso, avançamos com os dois partidos e teria sido muito pouco inteligente ter forçado a unidade. Assim, só passados 12 anos propusemos a fusão dos nossos dois partidos. Porque é que isso levou tanto tempo? Primeiro porque era preciso confiança, em segundo lugar foi preciso esperar para que se percebesse que a política dos dois partidos não é diferente. É evidente para toda a gente, é evidente quer para os membros do TANU quer para os membros do Afro-Shirazy, que a nossa política é a mesma. E se a política é realmente a mesma porque razão há de fazer dois partidos?

Propusemos então a fusão dos dois partidos, perguntamos a todos os nossos militantes se os nossos dois partidos deveriam ser

fundidos. Os nossos militantes concordaram na fusão dos nossos dois partidos. Assim, dentro de algumas semanas os executivos dos dois partidos vão reunir-se para discutir o processo da sua fusão».

ÁFRICA AUSTRAL

Depois, Nyerere mudou de assunto. Explicou o objectivo das negociações com o secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, em Dar-Es-Salaam e da conferência em que participaram cinco países africanos para analisar a situação da luta na África Austral: Tanzânia, Moçambique, Botswana, Uganda e Angola. Ao responder a três perguntas sobre o conflito que continuava nessa zona do continente, o Presidente da Tanzânia falou nas perspectivas futuras.

«O problema da Rodésia não foi a única preocupação no encontro dos cinco países. Mas sim, o da Rodésia e da Namíbia. Porque sentimos que continuando a luta pela independência em igualdade urgente na África do Sul, agora devemos pôr nas mesmas circunstâncias a Rodésia e a Namíbia. Discutimos o problema da Rodésia, sobretudo no que diz respeito à continuação da luta armada. Deveis estar recordados de que em 1974-1975 parecia impossível que o objectivo

vo da maioria na Rodésia viesse a ser conseguido através de negociações. Isso tentámos. Tentámos atingir esse objectivo por meios pacíficos. Fizemos o possível, mas falhámos ao falharmos decididamente, naturalmente, pela luta armada. Infelizmente os nossos amigos da Rodésia não são unidos como vocês foram aqui na Guiné-Bissau ou como foram os nossos amigos de Moçambique mesmo como foram os de Angola.

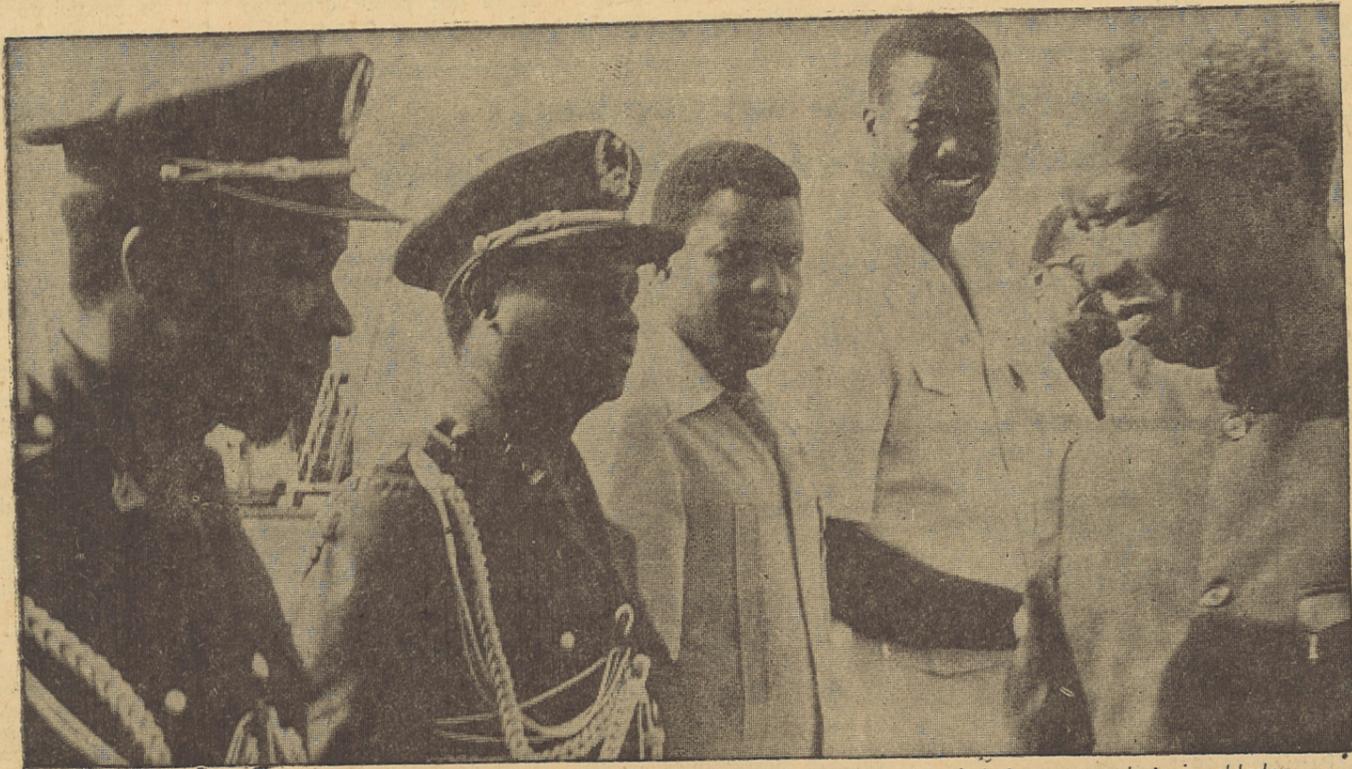
Eles não são realmente unidos. E, por isso, começamos a luta armada bem conscientes da existência de uma grande desunião entre os líderes nacionalistas. Felizmente os combatentes da liberdade foram capazes de construir uma boa unidade durante a guerra mas, naturalmente, tudo teria sido muito melhor se não houvesse grande desunião entre os líderes políticos. Nós não temos esses dirigentes em Dar-Es-Salaam exactamente por este motivo: ter se conseguiram unir com a desunião, porcionando maior unidade entre os líderes políticos próprios combatentes. Ver o que poderíamos fazer para os unir.

Penso que posso afirmar que, no que diz respeito a uma maior unidade entre os combatentes dos da Namíbia e do Zimbábue, conseguimos unir. No que diz respeito a unidade entre os líderes, penso que não conseguimos muito, e até dizer que ficaram mais desunidos.

Durante esse encontro a presença de amigos da Rodésia, um deles do ANC, conseguimos unir os combatentes da liberdade. No que diz respeito a líderes, conseguimos ficar os que ainda tinham confiança dos combatentes. Não conseguimos, portanto, que eles atinjam o grau de unidade existente entre os combatentes. Este o fim do nosso encontro em Dar-Es-Salaam. Cortamos uma vez Swapo e aqui não temos problemas por ela. Mas é um movimento e não tem os problemas de unidade que têm os nossos amigos do Zimbábue.

KISSINGER

«O doutor Kissinger continua muito preocupado



Tanzânia: «Só seremos um país socialista quando tivermos conseguido uma sociedade em que haja igualdade».

Admissao de Angola e do Vietname na ONU: um direito que a Guiné-Bissau vai defender na Assembleia Geral

Seguiu ontem de manhã para Nova Iorque, via Dakar, a delegação do Commissariado dos Negócios Estrangeiros chefiada pelo camarada Victor Saúde Maria, que participará na reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas. A Assembleia durará cerca de três meses. A delegação é composta pelos camaradas Aboubacar Turé, director-geral dos Organismos Jurídicos e Internacionais, Arnaldo Vieira, primeiro-secretário da missão permanente da Guiné-Bissau nas Nações Unidas, e Leonel Vieira, director-geral da Divisão Europa e América.

«Nós vamos participar na Assembleia Geral das Nações Unidas, representando o nosso Governo, a fim de darmos a nossa contribuição na solução de vários problemas que vão ser discutidos nessa reunião», afirmou o Comissário dos Negócios Estrangeiros, momentos antes da sua partida.

«Como sabemos, nessa Assembleia, entre os vários assuntos já discutidos, vai-se tocar nos problemas principais que dizem respeito à paz e

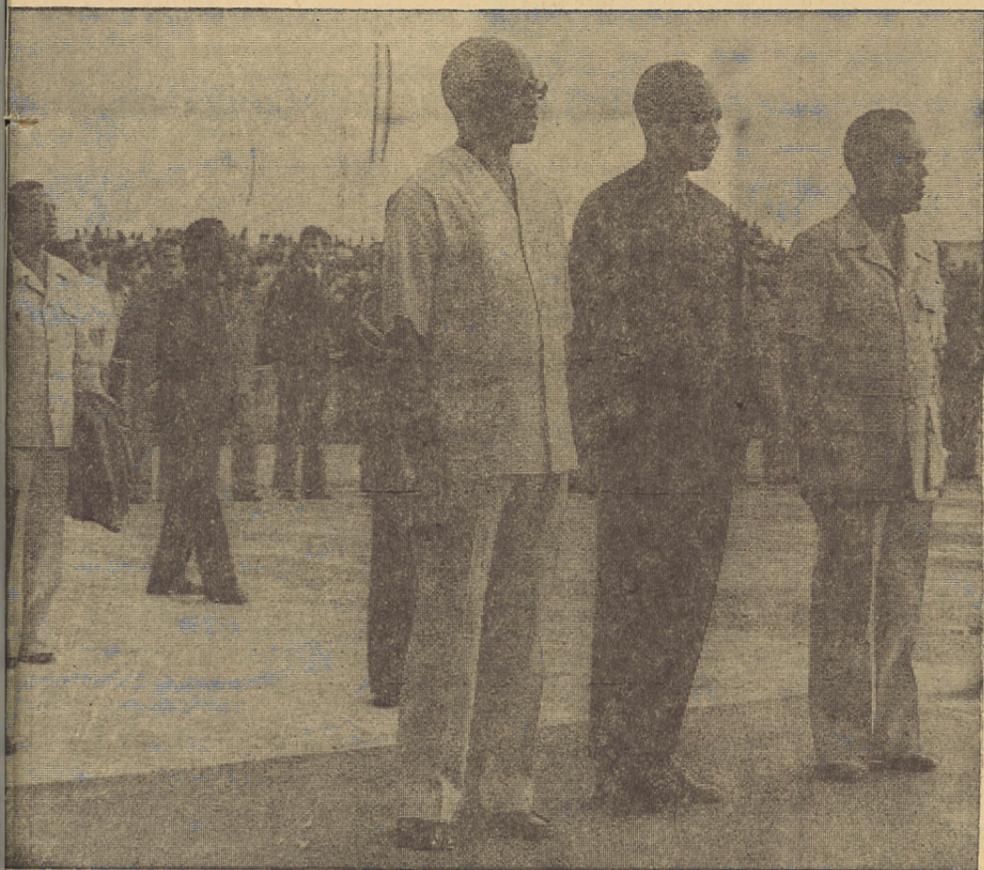
também os problemas da libertação dos povos que ainda estão colonizados e conflitos que ainda existem em certas regiões. Um desses problemas será o caso da África Austral: Rodésia, Namíbia e África do Sul, ocupados por minoria branca. Estes são os pontos de discussão que preocupam bastante os dirigentes africanos, particularmente, e constituem uma ameaça para a paz».

A questão do Médio-Oriente, agravada pelo conflito no Líbano e o do Chipre, e a admissão de certos países independentes na ONU, como Angola e o Vietname, são outros pontos a que o Comissário Victor Saúde Maria se refere. Angola está independente há cerca de um ano e foi reconhecida por maioria dos países membros da Organização das Nações Unidas. «Nós reafirmamos a continuação do nosso apoio ao direito de admissão desses países na ONU. Ahamos que nenhum país tem o direito de impedir a entrada de Angola nessa organização. Seria uma decisão

contrária aos princípios da Carta das Nações Unidas. É o caso também do Vietname. Portanto há uma injustiça a ser praticada pelos países membros do Conselho de Segurança. Uns concordam outros não concordam com a entrada do Vietname na ONU».

«Vai ser discutido também o modo de tentar superar o desequilíbrio económico mundial. Como sabemos, no ano passado, foi convocada uma reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas unicamente para discutir esta questão que gera discriminação de certos países, no que respeita a trocas comerciais e vários outros factores de carácter económico».

O camarada Victor Saúde Maria apontou, por fim, a questão dos direitos do mar. «Vamos estudar a maneira de resolver esse problema, de modo a ajudar certos países que se encontram prejudicados nesse aspecto. É um dos problemas que está na ordem do dia dos nossos trabalhos. Vamos colocar a posição do nosso Governo quanto à resolução de todos estes pontos».



Presidente Julius Nyerere em Bissau: «O que temos que fazer em África é continuar a luta armada até atingir os nossos objectivos»

com a África do Sul. Pensa que seria muito perigoso que a guerra continuasse na África do Sul e pensa que os países da África Oriental devem aceitar um Governo de maioria na África do Sul. Os americanos dizem que apoiam os que querem um governo de maioria na África do Sul e que tentarão conseguir isso o mais depressa possível. Nós dissemos-lhe que isso era óptimo. Se os americanos dizem agora que apoiarão um governo de maioria não há razão nenhuma para discutirmos a sua preocupação de quererem um governo de maioria. Afinal, sempre que nós pressionávamos a África do Sul, eram sempre os Estados Unidos e os países Ocidentais que se viravam contra nós.

Portanto, se agora eles querem exercer a sua influência para se conseguir um governo de maioria, nós aceitamos. Tivemos todas estas conversações. Agora, o doutor Kissinger está na África do Sul. Vamos pôr-lhe todas as condições quer em relação à Namíbia, quer em relação à Rodésia. Ele porá também as suas condições. Voltarei a estar com ele esta noite em Dar-Es-Salaam. Não sei se, de acordo com as notícias da Imprensa na Namíbia, haverá ou não razão para o tão falado optimis-

mo. Falarei com o doutor Kissinger esta noite em Dar-Es-Salaam e saberei se há qualquer base para esse optimismo.

Um dos esforços para a solução do problema da Rodésia e da Namíbia é a luta armada e tem que continuar porque, muito francamente, o outro esforço é a actividade política como esta, de ir falar com o doutor Kissinger. Eu penso que se não houve uma intensificação da luta armada não teremos muita actividade política no sentido de se alcançar a independência e para termos na África do Sul um governo de maioria. Portanto, o que temos de fazer em África é, necessariamente, continuar a luta armada.

E, como eu já disse, o nosso acordo foi intensificar a luta armada. Naturalmente que se um país poderoso como os Estados Unidos fizer um acordo com o mundo Ocidental acerca de uma «não pressão» militar sobre os regimes da África do Sul, no sentido de se atingir um governo de maioria e de igualdade, nós diremos que é óptimo. E, em qualquer das circunstâncias, se continuar essa pressão, se os países Ocidentais aliviarem a sua pressão sobre Smith e Voster, nós continuaremos a luta armada. Por isso

esta tem que continuar e precisa ser intensificada especialmente no caso da Rodésia, onde ela já atingiu um determinado estágio, até que os objectivos sejam atingidos».

Antes de terminar a conferência de Imprensa, o Presidente da Tanzânia abordou ainda outro problema. Respondeu a uma pergunta sobre um novo tema, analisando a importância da guerra do Vietname e as suas repercussões no processo político africano.

«O Vietname é um país que esteve engajado numa guerra. Numa guerra cruel, muito cruel, com o país mais poderoso do mundo. O Vietname ganhou. Os Estados Unidos, depois de terem lançado toneladas e toneladas de bombas nesse país, tiveram de o abandonar. O Vietname é hoje um país independente. Eu não sei em que é que Vietname podia contribuir mais para a moral destes pequenos países, que estão a lutar também pela sua independência. Eles disseram que «querer é poder». Não há nenhum poder no mundo que possa impedir um povo de alcançar a sua própria liberdade, se ele quiser. Eu não sei em que medida o Vietname podia ter contribuído mais para a luta pela independência de todos os países do mundo».

Empresa Nacional de importação de medicamentos começa a funcionar em Outubro

Está previsto para fins de Outubro o início do funcionamento da empresa nacional para a importação de medicamentos — Central Farmedi —, que ficará instalada na antiga empresa comercial «Barbosas & Comandita», junto do segundo prédio dos Armazéns do Povo, na Rua Guerra Mendes. Esta empresa, ligada ao Commissariado da Saúde, terá autonomia administrativa e financeira. Será dirigida pelo camarada Tiago Aleluia Lopes, do CEL do Partido.

As principais razões da demora do seu funcionamento explicam-se pelo facto de os Commissariados de Saúde e da Jus-

tiça não terem terminado de elaborar o projecto dos Estatutos que deverão ser apresentados para aprovação governamental. Além disso, as salas que antes eram destinadas ao comércio privado, precisam ser alteradas ou modificadas para se adaptarem às condições farmacêuticas.

A secretaria da empresa ficará no primeiro andar. No rés-do-chão, a Farmedi disporá de três grandes salas. A farmácia de venda ao público será instalada na antiga loja. A sala do centro será destinada ao armazenamento de medicamentos e produtos químicos e à secção onde era a loja de Automóveis, ao la-

do da avenida 3 de Agosto. ficará para o armazém de importação e distribuição de medicamentos para os diferentes estabelecimentos hospitalares do país e às farmácias privadas.

Juntamente com o trabalho de instalação da empresa, estão a ser realizados contactos com laboratórios. Dois funcionários foram a Portugal, há um mês, para negociarem com várias empresas farmacêuticas e laboratórios locais, dada a urgência de envio de medicamentos. A direcção, a Farmedi, pretende, com essa mesma finalidade, contactar com todos os laboratórios estrangeiros, principalmente de países socialistas.

AS NOVAS FRENTE

Por Basil Davidson

Basil Davidson é um escritor que não precisa de apresentação, para os leitores do «Nô Pintcha». Presentemente em Bissau, onde veio, a convite do nosso Partido, assistir às comemorações do XX aniversário do PAIGC, tendo sido, nessa ocasião, galardoado com a medalha Amílcar Cabral, publica na revista «Afrique Asie» uma série de artigos sobre a Guiné-Bissau e Cabo Verde. Transcrevemos já, em números anteriores, os dois primeiros dessa série e, hoje, apresentamos o terceiro, intitulado «As novas frentes,» dedicado à reconstrução nacional no nosso país.

Embora que, em 1974, o PAIGC tenha conseguido a evacuação das forças portuguesas em condições notavelmente pacíficas — «sem

nenhum ódio da nossa parte, em nenhum ataque contra um só português» — recordou recentemente o presidente Luiz Cabral, os pa-

triotas da Guiné-Bissau encontraram nas regiões retomadas aos antigos ocupantes uma economia totalmente arruinada. Tiveram que

defrontar um déficit comercial enorme, herdado do sistema colonial, que se juntava um desequilíbrio da balança de pagamentos.

Durante a guerra, com efeito, esta balança dos pagamentos era positiva devido às enormes transferências monetárias efectuadas em Lisboa com destino às suas forças armadas. Evidentemente, estas reentradas, pararam com a independência. «Isto, foi-me dito por Vasco Cabral, um economista veterano do PAIGC, actualmente encarregado do Planeamento e dos problemas de diversificação económica, é uma longa e dura história».

A MANCARRA E O ARROZ

Era claro que uma das prioridades essenciais, em 1974, consistia em sair do marasmo económico que conhecia o país. Não era

(Continua na pág. 8)



A nova frente da luta de libertação: a reconstrução nacional

DESPORTO

Taça de Africa dos Campeoes Hafia (Conakry) e Asec (Abidjan) nas meias finais

DAKAR (AFP) — O «Hafia Futebol Clube» de Conakry bateu o «Diaraf» de Dakar por 4 bolas a zero, na capital guineense, no segundo jogo a contar para os quartos de final da Taça de África dos Clubes Campeões. O resultado ao intervalo era de duas bolas a zero. Os golos foram marcados ao 7.º e 33.º minutos por Jansky e Mor Cire Sylla, ambos de cabeça a seguir a um canto marcado por Sory.

O terceiro e o quarto go- lo foram marcados durante o segundo período do jogo, pelo mesmo Jansky, no 58.º minuto, e no 85.º minuto por Cherif Souleimane.

As duas equipas tinham empatado a duas bolas no encontro da primeira mão em Dakar. O «Hafia» de Conakry será, pois, o próximo adversário do «Asec» de Abidjan nas meias finais da

Taça de África dos Clubes Campeões.

ASEC, 1
KOTOKO, 0

BOUAKE, Costa do Marfim (AFP) — O «Asec» de Abidjan qualificou-se no domingo à tarde, em Bouake, no centro do país, para as meias-finais da 12.ª Taça de África dos Clubes Campeões, batendo o «Ashanti Kotoko» do Ghana por uma bola a zero, golo marcado no 24.º minuto de jogo, por Gaston Adjoukoua.

TOGO EMPATA
COM CAMARÕES

No jogo realizado em Koumassi (Ghana), o «Kotoko» tinha batido o «Asec» por duas bolas a uma. Todavia, os golos marcados no

campo adversário contam a dobrar, ficando assim o «Asec» qualificado.

LOMÉ (AFP) — As jovens equipas nacionais do Togo e dos Camarões empataram a zero bolas, no domingo à tarde em Lomé, no jogo a contar para a primeira eliminatória da Taça do Mundo, em juniores.

O conjunto do jogo foi de nível médio. Os camaroneses tiveram duas ou três ocasiões de golo, mas por precipitação ou por pouca sorte, não as puderam realizar. Quanto aos jogadores togolezes, que não puderam assegurar nenhum avanço em casa, terão, evidentemente, que esforçar-se bastante para obter a sua qualificação no segundo jogo, daqui a duas semanas em yaounde.

ANUNCIOS

Foto Kinis

Fotos rápidas para todos os documentos. Rua Vitorino Costa, n.º 8, Bissau.

Museu

A direcção do Museu Nacional solicita a todos os interessados em tomar parte na Sociedade de Amigos do Museu Nacional (SAMUNA), que as inscrições podem ser feitas todos os dias úteis e nas horas normais de trabalho até o dia 30 de Setembro, na Rua 10, casa n.º 28, próximo do edifício da UNTG.

Comunica-se

No sentido de regularizar o abastecimento interno de gás, o Comissariado de Estado do Comércio e Artesanato comunica que vai lançar brevemente uma brigada com o objectivo de recolher todas as garrafas vazias que se encontram em poder dos consumidores.

Automovel

Automóvel Peugeot 204 em óptimo estado de conservação. Os interessados devem contactar pelo telefone 2173.

Fosforos e pilhas

O Comissariado de Estado do Comércio e Artesanato torna público que foi posto à venda no mercado uma partida de fósforos e pilhas eléctricas, proveniente da República Popular da China, e importada pelos Armazéns do Povo. Os preços de venda dos fósforos são: por grosso, nos armazéns do povo 0,45 PG e a retalho nos restantes comércios 0,50 PG. Os preços das pilhas eléctricas são: grandes — por grosso, cada uma seis pesos e meio, a retalho, cada uma, sete pesos e meio; médias — por grosso cada uma, cinco pesos, a retalho, cada uma, seis pesos; pequenas — por grosso, cada uma, três pesos, a retalho, cada uma, três pesos e meio; quadradas de 4,5 volts, por grosso, cada uma, dez pesos e meio, a retalho, cada uma doze pesos e meio.

NO PINTCHA

Trisemanário do Comissariado de Informação e Turismo — Sai às terças, quintas e sábadas. Serviço Informação das Agências: AFP, APS, TASS, ANOP e Prensa Latina. Redacção, Administração e Oficinas, Avenida de Brasil. Telefones: — Redacção 3713/3728. — Administração e Publicidade — 3726. Assinaturas — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde. Um ano ... 400,00. Seis meses ... 250,00. Outros Países Africanos e Portugal. Um ano ... 500,00. Seis meses ... 300,00. Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA» — Caixa Postal, 154.

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMACIAS

HOJE — Central — Rua Vitorino Costa, telefone 2453. AMANHÃ — Higiene — Rua António N'Bana, telef. 2520.

TELEFONES

Hospital «Simão Mendes» — 2888/2887

Bombeiros — 2222

POLICIA: 1.ª Esquadra — 3333 + 2.ª Esquadra — 3444

CORREIOS: — Informações 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto 3001/4 — TAP 3991/3 —

TAGB 3004 — Aeroflot 3002 — Air Algérie 3775/7

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS:

Águas e Electricidade 2411 — (das 7 h. às 17 h.)

Assistência à rede eléctrica 2414 — (das 18 h. às 24 h.)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RADIO

TERÇA-FEIRA — Primeiro período de emissão

5h 55min. — Abertura; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10 min — Programa em Manjaco; 7h — Noticiário/Português e Criúlo; — Actualidades Sonoras (repetição); 8h — Encerramento.

Segundo período de emissão

11h 55min — Abertura; 12h — Canções Fula; 12h 20min — Seleção Musical; 13h — Música Criúla; 13h 15min — Noticiário/Português e Criúlo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a sua Obra/Criúlo; 13h 45 min — Programa da JAAC; 15h — Encerramento.

Terceiro período de emissão

16h 55min — Abertura; 17h — Noticiário/Português, Criúlo e Línguas; 18h 45min — Agenda do Dia; 19h — Ano Um de Organização; 20h — Noticiário/Português e Criúlo; 20h 30min — Prevenção Rodoviária/Criúlo; 21h — Actualidades Sonoras; 22h — Cata-vento; 23h — Tempos Novos; 24h — Encerramento.

QUARTA-FEIRA — Primeiro período de emissão

5h 55min — Abertura; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10min — Programa em biáfada; 7h — Noticiário/Português e Criúlo; — Actualidades Sonoras (repetição); 8h — Encerramento.

Segundo período de emissão

11h, 55min. — Abertura; — 12h. — Canções em Papel; 12h 20min — Seleção Musical; 13h — Música Criúla; 13h 15min — Noticiário/Português e Criúlo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a sua obra (Português); 13h 45 min — Ano um de organização; 15h — Encerramento.

Terceiro período de emissão

16h 55min — Abertura; 17h — Noticiário/Português e Criúlo; 18h 45 min — Agenda do dia; 19h — Anés i nô saúdi; 20h — Noticiário/Português e Criúlo; 20h 30min — Elevemos o nível dos nossos conhecimentos; 21h — Actualidades Sonoras; 22h — Falá di África; 23h — Tempos Novos; 24h — Encerramento.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ, às 20.45 — «A Mulher das mil caras», filme para m/18 anos

Yussuf Dadoo

"A vitória esta mais proxima para os patriotas sul-africanos"

LONDRES (TASS) — «O objectivo principal da luta do povo oprimido da África do Sul é liquidar o sistema vergonhoso do «apartheid» e da discriminação racial e instaurar o poder do povo», declarou Yussuf Dadoo, presidente do Partido Comunista da África do Sul, que interveio em Londres numa reunião do Comité Executivo do Partido Comunista da Grã-Bretanha.

«A grande envergadura da resistência oposta pela maioria oprimida ao regime racista da África do Sul testemunha a profunda crise que afecta o sistema do «apartheid». Apesar do terror e das repressões desen-

cadeadas pelos racistas, a luta ganha progressivamente amplitude.

As organizações do nosso Partido no país aumentaram e reforçaram. Ainda que em certas localidades as intervenções anti-racistas sejam espontâneas, o papel do Partido Comunista e do Congresso Nacional Africano da África do Sul na direcção da luta popular contra o «apartheid» e o racismo, é incontestável.

A queda do império colonial português em África a seguir ao potente movimento de libertação nacional dos povos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e as ilhas de Cabo Verde,

assim como o fracasso da intervenção imperialista em Angola, mostraram uma força nova às massas trabalhadoras da África Austral, que travam uma luta corajosa pela sua libertação, mostraram que a sua vitória está mais próxima», prosseguiu o Presidente do PC sul-africano.

Yussuf Dadoo criticou rudemente a «diplomacia de viajante» do secretário de Estado americano, Kissinger. «O imperialismo americano esforça-se a todo o custo por impedir o progresso económico e social dos povos africanos», salientou.

N'Gouabi em Luanda

"A unidade do povo é invencível"

LUANDA (TASS) — «A unidade dos povos, ligada pelos objectivos da luta pela liberdade e independência, é invencível», declarou Marien N'Gouabi, Presidente da República Popular do Congo, que visitou oficialmente a República Popular de Angola. O Presidente interveio durante um «meeting» imponente realizado em Luanda.

«Os povos de África, unidos na luta contra as forças do imperialismo internacional, que procuram impôr aos estados em vias de desenvolvimento os seus planos, não acreditam em nenhuma manobra dos ini-

tigos da liberdade e da independência.

A República Popular de Angola oferece um exemplo exaltante. Todos os amigos autênticos que reclamam a liberdade e felicidade da humanidade, auxiliaram o povo angolano durante o período difícil da luta armada contra as forças da reacção interna, do racismo e do imperialismo internacional».

O orador sublinhou, nesta ordem de ideias, o papel decisivo de ajuda e do apoio desinteressado concedidos a Angola pelos países socialistas.

Corvalan, simbolo da resistência no Chile

BERLIM (ADN) — Luis Corvalan é «o simbolo da vontade inflexível do povo chileno em combater o fascismo e o terror, pela liberdade, a paz, a democracia e o progresso social», escreveu o jornal da República Democrática Alemã «Neues Deutschland», num comentário por ocasião do terceiro aniversário da prisão de Luis Corvalan.

«A sua prisão devia destruir a coluna da resistência, lançar no esquecimento a Unidade Popular cheia de grandes esperanças, assim como o crime abominável

da queda sangrenta do seu governo. Mas a Junta enganou-se no seu cálculo. Os 36 meses decorridos mostraram-nos: as ideias da libertação nacional e social do Chile não podem ser destruídas pela perseguição, nem pela detenção nas prisões e campos de concentração», sublinha o «Neues Deutschland».

Os que desaparecem nas prisões da Junta, que deviam ser afastados da memória dos homens, tornam-se — como Luis Corvalan e os seus companheiros de luta — heróis de toda a Humanidade progressista.

Novas perspectivas de paz no Libano

BEIRUTE (ADN) — Investido nas suas funções na quinta-feira última, o novo Presidente libanês, Elias Sarkis, iniciou uma série de contactos políticos tendo em vista um possível fim da guerra civil, informa o correspondente da ADN em Beirute. O movimento de resistência palestina, que proclamou um cessar-fogo unilateral, e a realização de um armistício, figuram no centro das conversações que o Presidente teve com representantes dos partidos implicados no conflito, bem como com o encarregado da Liga

Árabe, Kholi. Outras consultas incidiram sobre a formação de um novo governo libanês. Com a sua demissão no sábado passado, o antigo primeiro-ministro Karame abriu o caminho a essa possibilidade.

Entretanto, o movimento nacionalista progressista declarou-se pronto a apoiar todas as tentativas do novo Presidente visando o termo das acções de combate.

Kamal Joublatt, dirigente da esquerda libanesa, Saeb Salam, antigo presidente do Conselho, e o tenente-coronel de sector Ahmad Al Khatib,

chefe do Exército do Líbano Árabe», reuniram-se com o Presidente Sarkis no Museu Nacional de Beirute, onde o Presidente abriu um gabinete provisório. O Museu está situado na linha de demarcação que separa Beirute em duas partes, no sector que é, desde há vários meses, o único ponto de passagem entre Beirute este e oeste.

Reuniu-se também no domingo, com Elias Sarkis, o Presidente do Comité Executivo da OLP, Yasser Arafat. Segundo certas informações, Kamal Joublatt teria participado nessa reunião.

Mudar alguma coisa, para ficar tudo na mesma

WASHINGTON (TASS) — Henry Kissinger, secretário de Estado dos Estados Unidos, regressou a Washington no termo da sua viagem a África, com o fim de «resolver» o problema rodesiano sem conhecimento dos povos de África e em primeiro lugar do povo do Zimbabwe. A versão africana da «diplomacia do navegador» conseguiu a coligação de Washington com os regimes racistas de Pretória e de Salisbury, visando assegurar os interesses políticos e económicos dos Estados Unidos na África Austral e a manter os últimos

redutos do colonialismo e do racismo. É o que demonstra a aprovação por Smith e Vorster do plano americano de transferência do poder na Rodésia a um governo pró-ocidental, com a concessão simultânea das garantias financeiras à minoria branca, a fim de conservar as suas posições económicas prioritárias.

A versão africana da «diplomacia de navegador» é para os comentadores locais uma tentativa de dividir as fileiras dos países deste continente e de atenuar o movimento de libertação nacional no sul

de África, de consolidar a posição dos regimes racistas pró-americanos. Os diplomatas dos Estados Unidos reconhecem que sem esses esforços «a derrota militar e a ruína económica da Rodésia seriam inevitáveis num futuro mais próximo», escreve o jornal «Washington Star News». À sua chegada a Washington, o secretário de estado informou o Presidente Ford sobre os resultados da sua viagem. Depois desse encontro, o Presidente declarou que estava «muito satisfeito» pela aprovação das autoridades rodesia-

nas das propostas americanas. Ford sublinhou o «papel construtivo» desempenhado pelo primeiro-ministro da África do Sul, Vorster.

No quadro da missão de Kissinger, indica-se nos meios africanos da ONU, que ela tinha por objectivo manter as últimas muralhas do colonialismo e do racismo sul africano e de travar a solução justa dos problemas da Namíbia e de Zimbabwe. Constata-se, na ONU, que a estratégia dos Estados Unidos visando salvar os regimes da África do Sul e da Rodésia, é contrária aos interesses

dos povos da África do Sul e de todos os estados africanos independentes.

Avaliando os primeiros resultados da viagem de Kissinger, Sam Nujoma, presidente da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (Swa-po), reconhecida pela ONU e por 48 países membros da Organização da Unidade Africana, fez uma declaração na sede da ONU, sublinhando a vontade dos patriotas namibianos de suprimir o racismo e de conceder a independência a esse país africano.

Malta: vitória trabalhista

LA VALETTE (AFP) — Foi publicada no sábado, em La Valette, a composição do novo governo maltês, unicamente formado por ministros trabalhistas. A Saúde e a Agricultura têm dois novos ministros. Para os outros cargos, a composição do governo maltês é idêntico ao país antes das eleições gerais de 18 de Setembro, ganhas pelos trabalhistas de Don Mintoff.

Miguel Trovoada em Cuba

LUANDA (AFP) — Em viagem para Cuba, que visitará oficialmente, à cabeça de uma delegação do seu país, Miguel Trovoada, primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe, escalou na sexta-feira à noite Luanda. É a primeira vez que uma missão governamental da República Democrática de São Tomé e Príncipe visita Cuba.

1.º Ministro angolano em Italia

ROMA (AFP) — O primeiro-ministro de Angola, Lopo de Nascimento, chegou ontem de manhã a Roma para uma visita oficial de cinco dias. Lopo de Nascimento é acompanhado dos secretários de Estado das Finanças e do Comércio, Seidy Vieira Mingas, e Alberto Ribeiro. Foi recebido ao fim da tarde pelo presidente do Conselho, Giulio Andreotti, e amanhã deverá ser recebido pelo Presidente da República, Giovanni Leone. A sua chegada, o primeiro-ministro angolano observou que a Itália era o primeiro país da comunidade Europeia a receber oficialmente uma delegação angolana e o primeiro país da Europa Ocidental a abrir uma embaixada em Luanda. Lopo do Nascimento declarou estar convencido de que grandes perspectivas de desenvolvimento político e económico se oferecem aos dois países no seu interesse recíproco.

Conferência para o desarmamento

HELSINKIA (TASS) — A paragem da corrida aos armamentos é um imperativo de tempo com uma importância vital para toda a Humanidade, sublinha a declaração adoptada pelos participantes na Conferência Mundial para a paragem da corrida aos armamentos, para o desarmamento e o desanuviamento, que se realizou de 23 a 26 de Setembro na capital finlandesa.

A corrida aos armamentos faz pesar uma grave ameaça sobre a vida das gerações actual e futuras e sobre as conquistas da civilização milenária, observa a declaração.

São consagrados aos armamentos enormes recursos humanos e materiais, os orçamentos militares aumentam sem cessar, as forças armadas atingem níveis sem precedentes para o tempo de paz. A paragem da corrida aos armamentos, a adopção de medidas concretas e eficazes no domínio do desarmamento e do desanuviamento militares são indispensáveis para dar um carácter irreversível ao desanuviamento, sublinha o documento.

AS NOVAS FRENTES

Por Basil Davidson

(Continuação da pág. 6)

menos claro que isso exigia a realização de três condições: assegurar-se o monopólio das alavancas de controle económico — o que foi feito; empreender um maior esforço para aumentar o nível das exportações pelo menos ao de antes da guerra (quer dizer antes de 1963); finalmente, começar a planificação das infraestruturas, base indispensável de qualquer desenvolvimento dos recursos antigos ou novos.

Estas duas últimas tarefas revelaram-se particularmente difíceis de desempenhar. No que respeita à planificação, esbarrava-se às vezes com a ausência de informações. («Não sabemos simplesmente ainda quais os recursos naturais possui o país», dizia-me Vasco Cabral) e com a falta de estatísticos. Quanto a exportações, eles decaíram durante a guerra, à medida que o PAIGC ganhava novas regiões. 1961, a «provincia do ultramar» da Guiné-Bissau tinha exportado 40 mil toneladas de mancarra, o essencial com destino a Portugal. Em 1974, estas exportações desceram para 1780 toneladas e para 603 toneladas em 1975.

A mesma queda afectou as outras exportações, nomeadamente o cajú e o mel de abelhas. Quanto ao arroz, que constitui a base da alimentação das populações, foi necessário importar para as regiões controladas pelos portugueses: pelo contrário, as zonas sob a administração do PAIGC tinham, desde antes do fim da guerra, começado a desenvolver um excedente.

Desde 1975, graças a campanha iniciada pelo PAIGC para um aumento da produtividade, e graças também a fixação de preços remuneradores para os agricultores, manifestou-se uma melhoria sensível. E as perspectivas para 1976 são as da colheita consideravelmente mais abundante de arroz e de mancarra. Com a continuação desta política de preços, melhores condições de comercialização, medidas severas contra a especulação, também com o clima de paz e de segurança que reina em toda a parte, pode-se esperar que as previsões mais optimistas sejam alcançadas, senão ultrapassadas.

Evidentemente, são os

agricultores que beneficiarão em primeiro lugar. «Nesta fase de transição para uma economia moderna, dizia o presidente Luiz Cabral, devemos trabalhar de maneira que a maior parte dos lucros vá para as nossas regiões rurais, porque elas são o centro e o coração da nossa nação».

DIVERSIFICAR OS RECURSOS

Se o aumento da produção é uma prioridade, a diversificação das culturas não o é menos. A política do ocupante português era baseada no desenvolvimento das culturas de exportação, nomeadamente mancarra, em detrimento das culturas alimentícias, quer dizer em detrimento do nível de vida das populações rurais. A política do PAIGC fixa uma orientação fundamentalmente diferente. É claro que as exportações de mancarra devem prosseguir, mas não se trata mais de fazer dela a reguladora da economia. «Sabemos por exemplo, explicou-se Vasco Cabral, que podemos cultivar bom tabaco. Podemos também cultivar algodão no Norte. Fizemo-lo, no pas-

sado, antes que os colonistas não caíram numa loucura obsessiva pela mancarra. Podemos certamente cultivar café, e provavelmente cacau. E podemos acrescentar a gama das nossas possibilidades muitos legumes, saladas, feijão, etc. Para tal, devemos pôr em cultura novas terras».

Rica em madeira, incluindo madeiras de alto valor como o iroko e o cajú, a Guiné-Bissau viu as suas florestas sofrerem enormemente operações de desfolhação e bombardeamentos feitos pelas forças armadas portuguesas. A reflorestação e uma exploração racional das riquezas florestais estão actualmente inscritas nos projectos em curso.

Existe ainda um plano para a criação de «viveiros de crocodilos» aos quais serão encarregados artesãos para a fabricação de artigos em pele, em um segundo projecto para a domesticação das abelhas, até aqui selvagens.

«A agricultura constitui a nossa prioridade, explicou-me Vasco Cabral, mas iremos promover igualmente, segundo os nossos recursos, pequenas indústrias. Tra-



tar-se-à essencialmente de unidades de produção de tijolos, de cerâmica, de móveis, de artigos em curso e outros produtos que deviamos até aqui importar de Portugal. Algumas estão já prestes a funcionar.

NOVAS TERRAS

Ao mesmo tempo que vai prosseguir a ajuda aos agricultores nas terras já cultivadas, um vasto programa de arroteamento está actualmente em estudo. Este programa que beneficiará de uma ajuda chinesa e sobretudo sueca, interessa uma vasta região situada ao longo do estuário do Geba; espera-se realizar lá uma dupla colheita anual de arroz. A intenção é de fixar nestas novas terras soldados desmobilizados, e de os agrupar em cooperativas. Por outro lado, encorajamos os camponeses a desenvolverem as suas formas tradicionais de ajuda mútua, e a dar-lhes um nível económico mais elevado.

Um outro projecto refere-se à produção de cana de açúcar nas terras recentemente arroteadas. O açúcar produzido, devido ao

fraco consumo local, seria essencialmente destinado a exploração. Dirigindo-me ao estuário do Geba com o presidente Cabral, pude observar o trabalho de uma equipe de topógrafos ingleses que, com uma outra equipe inglesa efectua os levantamentos aéreos e uma terceira — holandesa elabora os estudos preparatórios para a implantação de uma unidade que deve produzir 60 mil toneladas de açúcar por ano a partir de 1980.

Trata-se de ajuda do governo britânico? Não, respondeu-me o presidente Cabral; tratam-se de sociedades privadas contratadas pelo governo devido as suas competências.

PETRÓLEO?

Não resta menos, o que possam dizer os comentadores cuja má fé o discute até ao exagero, que a Guiné-Bissau e, plenamente um país não-alinhado. Assim, em 1975, é uma equipa francesa, dependente do governo francês, que terminou um relevo cartográfico que deverá servir de base a futuras investigações geológicas. É muito provável que a Guiné-Bissau tenha petróleo, em terra e no mar, deve-se lembrar que a sociedade americana Esso tinha obtido dos portugueses uma concessão para pesquisas exploradoras. Parece bem que os resultados tenham sido positiva mas nesta época (1958 os preços do petróleo eram muito baixos para que uma exploração representasse algum interesse. Hoje esta concessão Esso está caducada, e é a sociedade italiana Agip que trabalha neste perímetro.

Com o firme controle estabelecido sobre a economia, as perspectivas de melhoramento do comércio externo, uma grande atenção na diversificação das culturas e a exploração de novos recursos, e apesar de continuar o grave problema da penúria monetária e tecnológica, o futuro pode ser encarado com certo optimismo. Isto sem dúvida que não deixará de surpreender os cépticos que alinham com o Ocidente, e que provocará algumas reacções em alguns países vizinhos.

Pela sua parte, os dirigentes do PAIGC não evocam propositadamente este amanhã feliz; preferem atacar os problemas do presente. A modéstia continua a sua divisa e o seu lema.



Guiné-Bissau, três anos depois: nova frente, a reconstrução pacífica do país. O colonialismo foi derrubado, mas a luta continua...

ULTIMAS NOTICIAS

Zimbabwe: posição de Waldheim

NAÇÕES UNIDAS, Nova York (AFP) — O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, exprimiu, a esperança de que «será possível chegar-se a uma resolução negociada na Rodésia do Sul, em conformidade com os princípios e objectivos da Carta das Nações Unidas». Num comunicado, Kurt Waldheim recordou a posição da ONU a favor do fim mais rápido possível do regime ilegal de Salisbúria, regime inconstitucional e da convocação de uma conferência constitucional. Esta última, diz Waldheim, deveria estabelecer o processo e as instituições democráticas necessárias, para permitir ao povo da Rodésia do Sul (Zimbabwe) exercer plena e livremente o seu direito à autodeterminação e à independência, e garantir um regime maioritário.

Novo escândalo Watergate?

WASHINGTON (AFP) — Bob Woodward e Carl Bernstein, os dois «repórteres investigadores», cujas revelações sobre o assunto watergate contribuíram largamente para a demissão forçada de Richard Nixon, anunciaram ontem, num artigo assinado na primeira página do «Washington Post», as indicações fornecidas sobre a utilização ilegal por Gerald Ford de fundos eleitorais, nas suas campanhas como membro da Câmara dos Representantes, «são classificadas de verdadeira».

Trabalho voluntário em Angola

LUANDA (ADN) — Realizou-se na capital angolana a primeira campanha de trabalho voluntário. No início eram 14 mil, mais tarde aumentou para 15 mil o número de operários, assalariados, estudantes e soldados que fizeram durante seis dias, horas suplementares nas 140 empresas de Luanda, para assegurar o abastecimento de mercadorias vitais para a população. Todos responderam ao apelo lançado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e pela central sindical angolana, UNTA.